

Hoje – e este hoje já dura há algum tempo – a desumanidade e injustiça da POBREZA, a ignorância das suas causas e a percepção da sua complexidade, extensão e profundidade, tenhamos ou não uma experiência direta dela, não pode ser desculpada. É um conhecimento que constitui um ponto de partida importante para apreciar a qualidade – e a eficácia – humana e cristã da solidariedade com o pobre.



compreender a Pobreza

UM FACTO COMPLEXO

A POBREZA É UM FACTO COMPLEXO. Não se limita, portanto, à vertente económica, sem que isto signifique negar a sua importância. A realidade de países plurirraciais e pluriculturais, como boa parte dos países latino-americanos, entre os quais o Peru, colocou-nos, rápida e diretamente, perante essa diversidade. Visão reforçada pela complexa compreensão que, nos seus dois testamentos, a Escritura tem dos pobres: os que mendigam para viver, as ovelhas sem pastor, os ignorantes da Lei, aqueles que são chamados “os malditos” no Evangelho de João (7, 49), as mulheres, as crianças, os estrangeiros, os pecadores públicos, os que padecem de doenças graves.

Presente, desde o início, como problema e como perspectiva, esta complexidade (realidade que hoje as agências internacionais começam a destacar) foi aprofundada pela reflexão teológica latino-americana, tendo seguido diversas orientações, nos anos seguintes. Foi, precisamente, a consciência dessa multidimensionalidade que levou às recentes expressões de ‘não pessoa’ e de ‘insignificante’ para nos referirmos aos pobres. Com elas, pretende-se enfatizar aquilo que todos os pobres possuem em comum: a ausência do reconhecimento da sua dignidade humana e da sua condição de filhas e filhos de Deus, seja por razões económicas, seja por razões raciais, de género, culturais, religiosas ou outras.

Condições humanas estas, que a mentalidade dominante das nossas sociedades não valoriza, criando uma situação desigual e injusta.

INJUSTIÇA E NÃO INFORTÚNIO

A pobreza não é uma fatalidade, é uma condição. Não é um infortúnio, é uma injustiça. É resultado de estruturas sociais e de categorias mentais e culturais. Está relacionada com o modo como a sociedade foi construída, nas suas diversas manifestações. É fruto de mãos humanas: estruturas económicas e atavismos sociais, preconceitos raciais, culturais, de género e religiosos, acumulados ao longo da história, interesses económicos cada vez mais ambiciosos; a sua abolição, portanto, está, também, nas nossas mãos.

Atualmente, dispomos dos instrumentos – sujeitos a rigoroso exame crítico – que nos permitem conhecer melhor os mecanismos económico-sociais e as categorias em jogo. Analisar essas causas é uma exigência de honestidade, e, para dizer a verdade, o caminho obrigatório, caso queiramos, realmente, superar um estado de coisas injusto e desumano. Ponto de vista este que – sem esquecermos que, na pobreza

dos povos, intervêm variados fatores – revela o papel que a responsabilidade coletiva desempenha neste assunto, e, em primeiro lugar, a daqueles que possuem maior poder na sociedade.

Reconhecer que a pobreza não é um facto inelutável, que tem causas humanas e que é uma realidade complexa, leva-nos a repensar as formas clássicas de atender à condição de necessidade na qual se encontram os pobres e insignificantes. A ajuda direta e imediata a quem vive numa situação de necessidade e injustiça, continua a fazer sentido, mas deve ser reorientada e, ao mesmo tempo, ir mais além: eliminar as causas desse estado de coisas.

Apesar de ser uma questão evidente, não se pode dizer, no entanto, que esta perspectiva estrutural se tenha tornado, hoje em dia, uma opinião generalizada no mundo, nem sequer nos meios cristãos. Falar de causas da pobreza revela-nos a delicadeza e a verdadeira dimensão conflitual do problema, razão pela qual muitos tentam evitar a sua abordagem.

UMA SITUAÇÃO QUE SE AGRAVA

Ao já dito anteriormente, há que juntar outros elementos da nossa atual percepção da pobreza que devem ser considerados.

Um deles é a dimensão planetária da situação em que se encontra a grande maioria da população mundial. Isto aplica-se ao

conjunto do que entendemos por pobreza, ainda que, muitas vezes, os estudos sobre o assunto insistam, muito mais, na sua vertente económica, sem dúvida a mais fácil de avaliar. Durante muito tempo, as pessoas só conheceram a pobreza que observavam perto de si, na sua cidade ou, quando muito, no seu país. A sua sensibilidade, quando existia, limitava-se, e fazia sentido em relação à realidade que tinham diante dos olhos e, literalmente, ao alcance da mão (prestando uma ajuda direta, por exemplo). As condições de vida de então, não permitiam um entendimento suficiente da extensão desse estado de coisas. Esta situação mudou, qualitativamente, graças à facilidade de informação de que fomos podendo dispor. O que antes era distante e remoto, tornou-se próximo e quotidiano. Além disso, hoje em dia, numerosas organizações multiplicam e estabelecem os seus métodos de investigação, fornecendo-nos dados e estudos, sobre a pobreza massiva, que não podem ser ignorados.



Outra característica que, também, modificou a nossa abordagem da pobreza, é o seu aprofundamento, e o aumento da distância entre as nações e pessoas mais ricas, e as mais pobres. Isto, na opinião dalguns economistas, está a levar-nos ao chamado ‘neodualismo’: cada vez mais a população mundial surge arrumada nos dois extremos do espectro económico e social. Uma das linhas divisórias é o conhecimento científico e técnico, que se constituiu o eixo mais importante de acumulação na atividade económica, e cujos avanços aceleraram a já desenfreada exploração – e depredação – dos recursos naturais do planeta, que são um património comum da humanidade. Estes fatores aumentaram a distância mencionada anteriormente.

E, contudo, o assunto não se limita ao aspeto económico da pobreza, e à condição de insignificante. No espaço criado por esta disparidade crescente, intervêm e entrecruzam-se os elementos já referidos antes: os que vêm da área económica, por um lado, com os referentes às questões de ordem cultural, racial e de género, por outro. Este último elemento levou a que se falasse, com razão, de uma feminização da pobreza. De facto, as mulheres constituem o setor mais atingido pela pobreza e a discriminação, principalmente se pertencem a culturas ou etnias desprezadas. Embora a questão, agora, tenha alcançado proporções escandalosas, o processo de acentuação dessa distância já estava em marcha há décadas, o que explica o alvoroço que tem vindo a provocar.

Hoje – e este hoje já dura há algum tempo – a desumanidade e injustiça da pobreza, a ignorância das suas causas e a percepção da sua complexidade, extensão e profundidade, tenhamos ou não uma experiência direta dela, não pode ser desculpada. É um conhecimento que constitui um ponto de partida importante para apreciar a qualidade – e a eficácia – humana e cristã da solidariedade com o pobre.

GUSTAVO GUTIÉRREZ. Fragmento de um artigo escrito para um livro em homenagem a ALOYSIUS PIERIS, ENCOUNTER WITH THE WORD (Sri Lanka, *The Ecumenical Institute for Study and Dialogue*), e publicado por *Reflexión y Liberación*, 22-04-2016.

o vírus alimenta a fome mundial

A pandemia e o aquecimento ambiental podem ter efeitos devastadores sobre a pobreza global. Segundo a organização humanitária italiana *Cesvi*, o número de pessoas atingidas pelas crises alimentares poderá duplicar. O alerta refere-se especialmente às crianças.

A reportagem é de *Cinzia Arena*, publicada por *Avvenire*, 13-10-2020.



A pandemia, por um lado, e as mudanças climáticas, pelo outro, produziram um curto-circuito que terá repercussões sobre a emergência alimentar global. O objetivo da fome zero em 2030 (“*Objetivo 2*” da *Agenda da ONU*) corre o risco de constituir uma utopia: em vez de alcançar este desiderato, poderá duplicar o número de pessoas sem comida suficiente.

É um cenário preocupante que surge na décima quinta edição do Índice Global da Fome, apresentado pela *Cesvi*, organização humanitária que atua em vinte e dois países. A emergência está, atualmente, num “nível moderado” à escala mundial, com uma ligeira melhora em comparação com o ano 2000, mas há onze países que registam níveis alarmantes, e outros quarenta, níveis graves.

A situação mais desesperada verifica-se em três países – **CHADE, TIMOR LESTE e MADAGÁSCAR** – a que se seguem outros oito em condições dramáticas: **BURUNDI, COMORES, REPÚBLICA CENTRO-AFRICANA,**

REPÚBLICA DEMOCRÁTICA DO CONGO, SÍRIA, SOMÁLIA, SUDÃO DO SUL e IÉMENE.

Os quatro parâmetros examinados pela *Cesvi* não deixam margem para dúvidas. De acordo com os dados da ONU e do Banco Mundial, há no mundo 690 milhões de pessoas desnutridas, 144 milhões de crianças com menos de cinco anos a sofrer de nanismo, e 47 milhões, de definhamento. Só em 2018, 5,3 milhões de crianças morreram de desnutrição.

A recessão económica por causa da Covid-19 e as consequências das mudanças climáticas, em particular as inundações e as devastações de gafanhotos na África, são dois fatores que irão aumentar a insegurança alimentar e nutricional de milhões de pessoas. A percentagem de desnutridos no mundo está estável (8,9%), mas o número absoluto está a aumentar: 10 milhões de pessoas a mais em 2019, em comparação com o ano anterior, 60 milhões, em comparação com 2014.

O Sul da **Ásia** e a **África** subsariana são as regiões com mais elevados níveis de fome. Em ambas as áreas, a fome é de nível grave, por causa da elevada percentagem de pessoas desnutridas (respetivamente 230 milhões e 255 milhões) e à alta taxa de nanismo infantil que afeta uma em cada três crianças. A África subsariana tem a maior taxa de mortalidade infantil do mundo, enquanto o Sul da Ásia tem a maior taxa de definhamento infantil do mundo.

“A luta contra a fome global – sublinha a presidente da *Cesvi*, Gloria Zavatta – deve ser cada vez mais um compromisso comum e um desafio cada vez mais urgente, tornado ainda mais complexo pela pandemia da Covid-19, e pelas consequências cada vez mais dramáticas das mudanças climáticas. A *Cesvi* está, há décadas, na linha da frente na luta contra a fome e no apoio às populações que fogem das guerras, perseguições e violações dos direitos humanos.”

Um dos países em risco é a **Somália**, com 5,2 milhões de pessoas a necessitar de ajuda humanitária. O coronavírus ampliou os efeitos de uma crise económica prolongada, à qual se somam as devastadoras enchentes de rios que atingem o país, e uma grave invasão de gafanhotos iniciada nos fins de 2019, que teve graves efeitos na produção agrícola e na segurança alimentar. Os dados apresentados, baseados em dados anteriores à crise de saúde, ainda não refletem o impacto da pandemia. Mas já pressagiam um cenário dramático: em particular, o risco de uma duplicação do número de pessoas atingidas por crises alimentares agudas: 80 milhões de pessoas desnutridas, apenas nos países importadores líquidos de alimentos.

As medidas adotadas para conter a propagação do vírus tiveram como efeito colateral o aumento da pobreza.

Nalgumas regiões, foi limitado o acesso aos campos e aos mercados, provocando picos localizados nos preços dos alimentos e reduzindo as oportunidades de renda. Por outras palavras, a capacidade das populações vulneráveis comprarem alimentos diminuiu.

A pandemia irá prejudicar os mais novos. As escolas fechadas em várias partes do mundo impedem que milhões de crianças recebam uma alimentação diária nutritiva. Poderá chegar aos 6,7 milhões o número de crianças vítimas de definhamento, o que se traduz em 130.000 mortes a mais.



A *Cesvi* lança um novo apelo para enfrentar a emergência alimentar de forma transversal, tendo em conta as interconexões entre os seres humanos e o ambiente, e favorecendo relações comerciais mais equitativas.

“É preciso realizar uma série de intervenções aptas a garantir a continuidade da disponibilidade alimentar, a produção e a distribuição dos alimentos”, é o apelo que a presidente Zavatta dirige às instituições. “Provavelmente, teremos de enfrentar outros choques e desafios até 2030.”

“Pobre, quando mete a mão no bolso, tira só os 5 dedos”

a face da fome



“Estou com Fome”

Quando é a pequena Lucimar, de sete anos, que lhe diz: *“Tenho fome. Lá em casa só tem a água do pote”*, esta palavra, **estou com fome**, causa uma impressão muito diferente, atinge muito mais do que a leitura de um estudo sobre o assunto.

Da outra vez, é Antônio, de três anos, o irmão de Lucimar, que solta um grito a cada vez que levo um pedaço de pão à boca.

A mãe, depois do nascimento do último, durante quinze dias só tinha feijão para cozinhar, para ela e a família. Um dia, não podendo mais de tanta fome, foi até a casa de sua mãe para encontrar um pouco de comida. Andou trinta quilômetros, com os dois pequenos nos braços, e sem comer.

Na casa deles, além das redes, há uma pequena mala de madeira, latas de conserva vazias, que servem de canecas, duas caçarolas de barro, um fogareiro, um pouco de roupa pendurada numa corda. Uma só peça, mas vazia. Naturalmente, nenhum livro, nem jornal: ninguém sabe ler. Nem se

pensa em qualquer tipo de instalação sanitária.

As crianças têm quase todas uma doença de pele. Muitas vezes elas têm os olhos entumecidos de pus.

Encontrei, faz pouco tempo, a mãe na farmácia, com o pequeno Antônio nos braços. A criança ardia de febre, a barriga inchada. O farmacêutico faz o diagnóstico:

“Envenenamento do fígado. Remédio: leite de magnésia”. A mãe não tinha dinheiro para comprar nem o menor vidro e não cessava de pedir a um e a outro. O marido raramente tinha trabalho.

Desencorajado, ele foi procurar trabalho noutra cidade. Depois, desapareceu. E as crianças não crescem, e a mãe emagrece, cada dia um pouco mais.

Francisco, de treze anos, é carregador de

água. Ele transporta duas latas de 20 litros, penduradas a uma vara. Ele não vai à escola. Esteve muito doente, não se soube nunca de quê: uma dor de cabeça que não o deixava mais. Francisco não aprenderá jamais um ofício.

Lucimar, de quem já falei, sua mãe e seus dois irmãos vêm neste momento visitar-me. Antônio brinca perto de mim com uma caneca de plástico quebrada. Todos os dias, as vítimas da fome me fazem tomar consciência que elas existem.

O problema aqui, não é de ter fome, mas de comer. Não se vê como isso vai melhorar. Um dia, no mesmo instante, eu vi chegar à igreja três cortejos de mocinhas, seguindo cada um deles um caixão de criança.

A expressão francesa “*couper l'appétit*” (literalmente: *cortar o apetite*) se traduz aqui por “**matar a fome**”. Para “**matar a fome**”, o homem do interior come um pouco de farinha seca de mandioca com um pedaço de rapadura.

A fome deu origem a uma série de provérbios populares:

- *Pobre, quando acha um ovo, é goro.*
- *Quem não tem o que comer é “duro” de fome.*
- *Pobre, quando mete a mão no bolso, tira só os 5 dedos.*

Há pouco tempo, veio alguém me procurar para visitar uma mulher que tinha dado à luz. Quando cheguei, ela tinha um prato de farinha de mandioca, molhada com um caldo de osso. Ela não tinha coragem de começar a refeição.

Não se sabe nada sobre a fome, se não se pode lhe dar um rosto, um nome.

Não se sabe nada sobre a fome, se não se ouviu um dia esta queixa:

MÃE: ESTOU COM FOME!

Joseph Bouchaud,
Frédery Kunz

In A BURRINHA DE BALÃO
(numa favela brasileira),
Edições Loyola-São Paulo,
Brasil. 3ª ed., pp 21-22.

Francisco: a fome não é só uma tragédia, mas uma vergonha para a humanidade

No DIA MUNDIAL DA ALIMENTAÇÃO, o Papa propõe novamente a sugestão já avançada pelo Papa São Paulo VI na “*Popularium progressio*” e contida na encíclica “*Fratelli tutti*”, isto é, a criação de um “**Fundo mundial**” para eliminar definitivamente a fome com o dinheiro usado em armas e em outras despesas militares. Para ouvir o discurso do Papa Francisco: <https://youtu.be/UeqQoV0-bo0>

O PROGRAMA ALIMENTAR MUNDIAL ganhou o Prémio Nobel da Paz 2020!



A agência das Nações Unidas que trabalha pela segurança alimentar foi galardoada com este prémio **“pelos seus esforços no combate à fome, pela sua contribuição na melhoria das condições para a paz em áreas afetadas por conflito e por atuar**

como uma força motriz dos esforços para a prevenção do uso da fome como arma de guerra e conflito”, segundo o Comité Nobel.

Todos os anos, o *PROGRAMA ALIMENTAR MUNDIAL* fornece assistência alimentar a uma média de 91,4 milhões de pessoas em 83 países. Só em 2019, 135 milhões de pessoas sofreram de fome aguda e o risco deste número chegar aos 270 milhões até ao final do ano é elevado, devido ao impacto da pandemia da covid-19. Como tal, o trabalho desta agência torna-se mais importa — e reconhecido — que nunca!

ONU Portugal, 09.10.2020

Em 2019, a Humanidade produziu alimentos suficientes para erradicar a fome em todo o mundo, mas o desperdício foi tal que não permitiu resolver esta urgência. Em Portugal, estima-se que um milhão de toneladas de alimentos vão parar ao lixo anualmente e a covid-19 veio expor ainda mais a fragilidade do nosso sistema alimentar.

Ao mesmo tempo, o circuito global dos alimentos impede-nos de ultrapassar a emergência climática.

A solução?

Em 2021, a Cimeira de Sistemas Alimentares da ONU reunirá líderes mundiais e regionais para definir medidas globais e firmar compromissos para criar sistemas alimentares mais saudáveis, inclusivos e sustentáveis.

Individualmente, todos temos poder para mudar o modo como produzimos, processamos e consumimos alimentos.

Junte-se a esta iniciativa e contribua para que haja mais ação contra o desperdício alimentar!

ONU Portugal, 14.10.2020